



EFEITOS DA COLONIALIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA ANÁLISE DAS PROPOSTAS DIDÁTICAS NO ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (ENPEC)

Acácia Araújo de Assis ¹

RESUMO

Na escola, a padronização do processo de escolarização no ensino de Ciências ocorre, muitas vezes, legitimando a superioridade dos conhecimentos científicos. Dessa maneira, pensar em uma educação científica e tecnológica que confronte os saberes hegemônicos e universalmente estabelecidos é necessário. Isso é ainda mais relevante quando se deseja estabelecer o protagonismo de uma educação que seja integrada aos saberes e contextos locais dos sujeitos do campo. Pensando nisso, este trabalho realizou uma análise das Atas do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) para investigar em que medida os efeitos da colonialidade podem ser percebidos nas propostas didáticas das disciplinas de Ciências no contexto da Educação do Campo, mediante uma revisão bibliográfica das propostas educacionais presentes no evento. As temáticas empregadas nas propostas, em sua maioria, apresentavam discussões acerca das realidades dos estudantes. No entanto, depreende-se que contemplar somente tais contextos não garante um ensino decolonial e crítico, porque é preciso problematizá-los. Ao que se percebe, a valorização dos saberes tradicionais camponeses pode ser preterida em relação a superioridade científica imposta pela ciência moderna hegemônica.

Palavras-chave: Colonialidade, Educação do Campo, Ensino de Ciências.

INTRODUÇÃO

Aprender conceitos e práticas da Ciência e Tecnologia, segundo Rodrigues e Lisingen (2019), é importante para que se entenda mais sobre o mundo, e assim, perceba com um outro olhar a realidade em que se está inserido. Contudo, na sociedade e no planeta ainda existem diferentes contradições como a crise ambiental, a desigualdade, o racismo e outras injustiças sociais, no qual a ciência moderna hegemônica não dá conta de apresentar uma solução eficiente para esses efeitos das relações de colonialidade (RODRIGUES E LISINGEN, 2019). Os saberes que não são legitimados pelo eurocentrismo se tornam inexistente ou interpretados como ignorância e incultura segundo a colonialidade. E isso se reflete diretamente nos saberes tradicionais camponeses que historicamente foram desqualificados e invisibilizados.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade de Brasília - DF, acaciaaraujo1@hotmail.com;



Pensar em uma Educação do Campo, segundo Caldart (2012), é perceber as relações de contradições que estão envolvidas e que a constituem como prática/projeto/política de educação em que é impossível dissociar a classe trabalhadora do campo desse processo. Assim, os modos de fazer agricultura e educação submetidos a lógica capitalista são efeitos da colonialidade que se afastam dos pressupostos da Educação do Campo, no qual excluem e inviabilizam os sujeitos camponeses do protagonismo em que deveriam ocupar, silenciando as suas identidades e os subjugando a moldes de vida hegemônico.

Esse trabalho realizará uma análise das atas do evento Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) buscando investigar em que medida os efeitos da colonialidade podem ser percebidos nas propostas didáticas das disciplinas de Ciências no contexto da Educação do Campo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Colonialidade se institui na reestruturação da lógica estabelecida através da Herança Colonial, no qual embora a Colonização tenha se encerrado com a independência, as relações assimétricas e exploratórias foram historicamente estabelecidas por um padrão de poder, ainda que findado as relações políticos-territoriais (OLIVEIRA, 2017; SILVA et al., 2014). Como destaca Oliveira e Candau (2017) a colonialidade atua através da naturalização do imaginário europeu e na negação e esquecimento do seu processo histórico.

Os efeitos da colonialidade estão presentes nas mídias, na escola, na ordem colonial capitalista, nos padrões culturais hegemônicos entre outros, esquivar-se dessa visão distorcida é uma forma de resistência aos saberes e modos de vida dos sujeitos camponeses (OLIVEIRA, 2017). Silva e colaboradores (2014) ressaltam que esses efeitos subjugam e impõe, mediante estereótipos de atraso e de ignorância, a dicotomia entre o urbano, visto como lugar de progresso, enquanto o rural, percebido como subalternizado. A colonialidade determina uma hierarquia baseada na racionalidade eurocentrada, em que impõe a validade epistêmica ao urbano e não reconhece as epistemologias camponesas, por serem considerados como inferiores e, logo, não têm poder de conhecimento válido (SILVA et al., 2014).

Os movimentos da Educação do Campo buscam em suas lutas resistir aos modos de hierarquização e expropriação da vida, protagonizando outras matrizes de racionalidade que considere a decolonialidade como parte do processo emancipatório dos seus saberes (OLIVEIRA, 2017). Segundo Molina (2012) a escola do campo nasce a partir das lutas da classe trabalhadora por terra e educação, no qual tem a sua concepção no cerne do movimento

da Educação do Campo. As escolas do campo participam do processo de transformação social uma vez que possuem em seus projetos políticos pedagógicos medidas, dirigidas pela classe trabalhadora, que promovam uma formação contra-hegemônica, no qual esteja embasada no processo histórico da luta pela superação do capital. Proporcionando assim, a partir da materialidade da vida real dos estudantes a possibilidade de ressignificar o conhecimento científico, o percebendo a partir das suas intencionalidades e contextos sócio-históricos em que foram gerados (MOLINA, 2012).

A ciência moderna hegemônica é referência no processo de seleção dos conhecimentos a serem legitimados. Na escola esse papel é desempenhado principalmente pelas disciplinas de Ciências, no qual geralmente estão sujeitas a padronização do processo de escolarização (PETRI; FONSCCECA, 2019). Dessa maneira, é importante pensar em uma educação científica e tecnológica que confronte os saberes hegemônicos e universalmente estabelecidos, tendo em vista o protagonismo de uma educação que seja integrada aos saberes e contextos locais dos sujeitos do campo. Questionar a relação de superioridade científica imposta pela ciência moderna hegemônica como exclusivo conhecimento legítimo acima de todos os outros, em sala de aula pode se apresentar uma tarefa desafiadora. Petri e Fonsceca (2019) ressaltam que “ensinar e aprender ciências poderia significar não apenas observar os aspectos físicos, químicos e biológicos ocidentais de entender a natureza, mas as variadas formas humanas de compreender os fenômenos naturais” (p. 236), em que estão para além das lógicas científicas modernas, a fim de destinar um olhar para que os sujeitos se percebam como sujeitos históricos, ampliando assim suas percepções de mundo.

Rodrigues e Lisingen (2019) defendem que para haver uma formação cidadã é necessário que ela seja decolonial, isto é, oposta a colonialidade, e que permita a produção de conhecimentos e práticas libertadoras pelos estudantes, para que possam superar as contradições que se fazem reais no seu cotidiano. Evidenciam que a articulação dos pressupostos de Freire e dos Pensamentos Latino Americano de Ciência, Tecnologia e Sociedade (PLACTS) contribuem para a percepção da importância do que é ensinado. Com intuito que os estudantes identifiquem e compreendam os problemas que se relacionam direta ou indiretamente com as questões locais e que haja promoção e desenvolvimento de currículos baseados na realidade, para que se afastem do tratamento universalizado de problemas, buscando propiciar aos estudantes uma formação cidadã crítica e decolonial .

Em um contexto brasileiro, as expressões da colonialidade estão presentes comumente à aspectos sobre raça e gênero, considerando as questões de desigualdades a partir da violência, assim como, a expropriação e subalternização, (re)produção do lucro e poder para certos grupos



econômicos (PETRI; FONSCECA, 2019, RODRIGUES; LISINGEN, 2019). No campo, Petri e Fonseca (2019) citam que essas discussões estão para nível de apropriação e o acesso aos recursos naturais, a reforma agrária e o êxodo rural, o desenvolvimento e a ocupação do campo, bem como a conservação da natureza, da biodiversidade e da agrobiodiversidade e outros.

Na perspectiva decolonial essas temáticas também podem ser incorporadas as discussões sobre a Agroecologia, não só nas aulas de Ciências, mas como um eixo transversal na Educação do Campo. A Agroecologia é um “processo vivo de sistematização” que possui origem indígena e camponesa, no qual busca pensar outra relação com a natureza e com o modo de produção da agricultura, buscando um modelo contra-hegemônico que não esteja centralizado na lógica do lucro imediato (CALDART, 2021). É constituída a partir da sistematização de conhecimentos, técnicas e saberes tradicionais dos povos camponeses e indígenas, no qual inserem princípios e valores culturais e ecológicos que foram desculturizados pela lógica do capitalismo e a mecanização da agricultura (GUHUR; TONÁ, 2012). Assim, a Agroecologia nas escolas do Campo, lançam um olhar para o diálogo de saberes, na recuperação de práticas tradicionais em favor de uma agricultura sustentável e de qualidade de vida no meio rural (PETRI; FONSCECA, 2019), em que foi rompida pelo modo capitalista em que se pensa a educação e a escola (CALDART, 2021).

Tendo em vista a contribuição para uma formação crítica e decolonial dos estudantes nas escolas do campo, a incorporação dessas temáticas nas propostas pedagógicas podem contribuir para valorização dos saberes tradicionais a fim de legitimar os conhecimentos desses sujeitos e valorizar suas identidades.

METODOLOGIA

Pretendendo perceber em que medida se dão os efeitos da colonialidade nas sequências didáticas estabelecidas no contexto da Educação do Campo, realizamos uma revisão bibliográfica das atas do Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências (ENPEC) nas edições de 1997 a 2021, disponibilizadas no site da Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC). Apenas os trabalhos da edição do evento de 2009 (ENPEC VII) não foram analisados, por não estarem disponíveis para consulta. Realizamos buscas no site de cada edição do evento na área determinada de trabalhos completos, utilizando a palavra “campo” e selecionou-se os que diziam respeito a Educação/Escolas do Campo no título, resumo ou palavras-chaves dos textos, no qual foram selecionados 56 trabalhos.

Dentre os trabalhos selecionados, fizemos a leitura novamente dos resumos e quando necessário do corpo do texto, a fim de identificar os que discutiam sobre uma proposta para sala de aula. Selecionamos as propostas para sala de aula que traziam uma discussão substancial quanto aos seus objetivos, as etapas pretendidas ou aplicadas e a descrição do planejamento para que, dessa maneira, se possa ter informações suficientes para a análise das propostas. E assim, selecionou-se o total de 07 trabalhos, conforme a Tabela 1 apresentada abaixo:

Tabela 1. Publicações nos anais do ENPEC acerca da Educação/Escolas do Campo e as propostas para sala de aula

ENPEC	Trabalhos totais	Educação/Escolas do Campo	Educação/Escolas do Campo / Propostas para sala de aula
I (1997)	139	0	0
II (1999)	117	0	0
III (2001)	161	0	0
IV (2003)	434	0	0
V (2005)	737	0	0
VI (2007)	601	1	0
VII (2009)	-	-	-
VIII (2011)	1235	6	1
IX (2013)	1019	5	1
X (2015)	1272	9	1
XI (2017)	1335	18	2
XII (2019)	1035	9	1
XIII (2021)	853	8	1
Total	8938	56	07

Fonte: Elaborada pelos autores

O Quadro 1 apresenta os trabalhos que foram selecionados, juntamente com seus respectivos títulos e autores dos textos.

Quadro 1. Títulos e Autores dos trabalhos selecionados

Ano	Autores	Título
2021	Schollert et al.	Ensino Remoto: uma proposta de sequência didática investigativa/ problematizadora dos egressos PIBID Educação do Campo Litoral/RS no contexto pandêmico em uma escola pública
2019	Rédua; Honorato; Kato	Entre garrafadas e fármacos: diálogos interculturais na formação de professores de ciências do Campo
2017	Silva; Kato	A controvérsia agroecológica em uma abordagem intercultural de Educação Científica: a biodiversidade nos discursos de licenciandos do campo
2017	Santos; Kato; Franco	Investigação temática em uma escola do campo do município de Uberaba-MG: identificando situação limite para o estudo da biodiversidade

2015	Novais et al.	O processo de Redução Temática do Tema Gerador “Para onde vai o lixo do meio rural de Iguai/BA?”
2013	Crepalde; Aguiar Jr.	Palavra própria e palavra alheia: análise de uma Questão Socialmente Controversa numa turma de Licenciatura do Campo
2011	Crepalde; Aguiar Jr.	O desenvolvimento do conceito energia em um diálogo intercultural entre as ciências e as vivências de estudantes de licenciatura do campo

Fonte: Elaborada pelos autores

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os sete trabalhos selecionados, quatro eram propostas para sala de aula que tinham como interesse a formação de professores na Licenciatura do Campo. Molina (2014) destaca que os cursos de Licenciatura do Campo têm como objetivo propiciar que os educadores atuem não apenas com a docência, mas também na gestão de processos educativos escolares e não escolares. Os cursos desenvolvem, a partir da sua matriz curricular, uma estratégia multidisciplinar, no qual os componentes curriculares são organizados a partir de quatro áreas do conhecimento: Artes, Literatura e Linguagens; Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Natureza, Matemática; e Ciências Agrárias. A formação por áreas tem como fim contribuir na superação do conhecimento fragmentado, possibilitando intervenções docentes que estão vinculadas interdisciplinarmente e que estão articuladas a transformação do funcionamento da escola e da comunidade rural em que essa escola está inserida.

Assim, pensar em uma proposta de formação de professores de Ciências no contexto da Educação do Campo, se faz necessário refletir que o educador tenha não apenas domínio dos conteúdos da área de habilitação intitulado, como também a articulação desse domínio de conhecimento a partir da lógica da função social e das relações que estão determinadas com a comunidade inserida, o território e as dinâmicas de sociedade ao todo (MOLINA, 2014). Esses pressupostos de formação de professores na Licenciatura do Campo contribuem para uma proposta oposta a colonialidade, tendo em vista desde a luta dos Movimentos da Educação do Campo por políticas públicas que favorecessem a formação de professores *no, do e para* o campo, bem como, pensar em uma matriz curricular do curso que compreendesse a materialização do território camponês a partir da construção do conhecimento dos seus sujeitos.

Para realizar a análise dessas propostas buscamos, a partir da bibliografia exposta, perceber nos trabalhos selecionados traços dos efeitos da colonialidade nas propostas para sala

de aula, a partir da análise dos temas abordados, da profundidade das problematizações e a valorização dos saberes tradicionais.

Crepalde e Aguiar Jr. (2011) buscaram analisar o desenvolvimento do conceito de energia no contexto de uma proposta de educação intercultural na formação de educadores do campo. Apresentaram em seu texto os resultados de três atividades que foram aplicadas na proposta, em que se investigaria como os estudantes utilizam, em diferentes momentos e módulos do curso, o conceito de energia. Os autores ressaltam que utilização da temática em questão contribui na perspectiva de uma educação intercultural em ciências, no qual mobilizam um conjunto de ideias articuladas a realidade que estão imersos. Porém, percebe-se que a temática ao ser debatida, apesar de se mostrar interdisciplinar, trouxe uma discussão limitada quanto a especificidade do contexto campo, no qual é possível observar no objetivo de um dos módulos em que a proposta foi aplicada.

As narrativas dos futuros professores, no que se referem a sua concepção sobre energia, apresentavam uma ideia, majoritariamente baseada na ciência moderna hegemônica, evidenciando assim, o distanciamento da valorização dos saberes camponeses que pode ter sido reforçado pelos próprios objetivos dos módulos da disciplina em que a proposta foi aplicada, que apresentavam discussões genéricas sobre a temática. Tendo em vista o interesse em discutir as relações CTS envolvidas na temática, Rodrigues e Lisingen (2019) destacam que algumas propostas CTS podem apresentar uma discussão do tema de forma universal, tendo em vista que a Educação CTS foi estabelecida no Brasil mediante os Parâmetros Curriculares Nacionais, no qual tinham grande influência do CTS europeu, especificamente da tendência espanhola. Em que apresentam debates, geralmente, distantes dos contextos emergentes brasileiros evidenciando os efeitos da colonialidade nas propostas educacionais.

Crepalde e Aguiar Jr. (2013) analisam a partir da sequência didática aplicada em um curso de formação de professores do campo, um júri simulado que levantava argumentos e reflexões pelos estudantes em resposta a uma Questão Socialmente Controversa (QSC) sobre a construção da Usina de Belo Monte no Alto Xingu. A proposta apresenta uma temática relevante ao contexto do campo e percebe-se um grande interesse em trazer a reflexão de futuros professores a diferentes perspectivas quanto aos interesses e impactos sociais, ambientais, políticos envolvidos na temática. A aplicação da QSC permitiu debates em torno da mão de obra camponesa, apropriação dos recursos naturais, conservação da natureza, desenvolvimento sustentável e territorialidade. Valorizou o contexto dos estudantes do campo e proporcionou que os mesmos refletissem e argumentassem criticamente, propiciando a construção de uma formação cidadã crítica e decolonial.

Novais et al. (2015) a partir do processo de Redução Temática realizaram a proposta de intervenção didática para o Ensino de Ciências com a temática “Para onde vai o lixo do meio rural de Iguai/BA?” em uma escola do campo com uma turma do 5º ano do ensino fundamental. A proposta foi dividida nas seguintes fases: 1) Discussão dos principais aspectos relacionados ao problema e identificação de possíveis alternativas; 2) Análise das alternativas acerca do problema e suas implicações para o Meio Ambiente; 3) Estruturação do programa escolar a partir das unidades e/ou subunidades; 4) Seleção dos conteúdos/conceitos científicos necessários para compreensão do problema; 5) Planejamento das aulas a partir dos Momentos Pedagógicos.

Mediante essa proposta para sala de aula foi possível a discussão com os estudantes e professores a respeito do descarte do lixo e suas implicações, manejo dos resíduos sólidos e as possíveis soluções para a problemática apresentada a partir da localidade em que os estudantes vivem. A redução temática proposta por Novais et al. (2015) permite um diálogo com as contradições existentes na realidade dos sujeitos camponeses, conforme destaca Molina (2012), assim os estudantes podem de acordo com seu contexto sócio-histórico ressignificar o conhecimento científico.

Santos, Kato e Franco (2017) em sua proposta discutiram o processo de investigação temática (IT) a partir de uma intervenção didática sobre o conceito de biodiversidade, mediante o uso dos pressupostos freirianos. A proposta se baseou em três etapas: Levantamento Preliminar da realidade local; Análise da situação e escolha das codificações e; Diálogos descodificadores. A proposta da temática biodiversidade foi empregue segundo um olhar para realidade concreta dos estudantes, a partir de discussões de imagens e vídeos do entorno da comunidade. A partir dessa proposta os autores identificaram a possibilidade de quatro situações limites: maus tratos na linha de produção, uso de agrotóxico e solo infértil e desigualdade social na distribuição de terra (reforma agrária).

Silva e colaboradores (2014) ressaltam que desde o Colonialismo, a divisão racial do trabalho foi usada como maneira de demarcação e de distribuição das riquezas, no qual foi demasiadamente expressa no latifúndio, em que a separação racial do trabalho conferia à elite colonial a posse da terra, aos povos nativos saqueados a condição de servidão e aos povos raptados da África a de escravidão. Ao longo da história, a divisão colonial da terra se determinou conflituosamente, os movimentos de resistência ainda lutam em defesa da reforma agrária. A exploração do trabalho é uma das marcas do efeito do colonialismo, no qual deve ser debatido nas escolas para que os sujeitos camponeses protagonizem outras matrizes de

racionalidade, para que considerem a decolonialidade com parte dos seus processos emancipatórios de saberes (OLIVEIRA, 2017).

Silva e Kato (2017) buscaram com a proposta entender como se deu a apropriação do conceito de biodiversidade por professores em formação da Licenciatura do campo, mediante a negociação dos discursos da ciência, da ciência escolar e do cotidiano frente as relações da Educação CTS nas discussões sobre a controvérsia agroecológica. A proposta discutia um caso simulado, no qual duas espécies de animais silvestres (queixadas e onças pintadas) de uma mata preservada adentraram uma pequena e uma grande propriedade. A partir da discussão controversa sobre biodiversidade, os autores apresentam que houve um debate quanto produção de monocultura e a preservação ambiental, porém não fica claro no texto o quanto essas discussões estão atreladas apenas a aspectos ambientais e de conceituação científica ou se extrapolam para o debate envolvendo questões sociais e políticas presentes na temática. Assim, pensando em uma proposta, para denuncia dos efeitos da colonialidade e que propõe uma discussão agroecológica, outros conhecimentos poderiam ter sido vinculados a fim de propor e contribuir para uma formação crítica em favor de uma agricultura sustentável e da qualidade de vida no meio rural, que está em confronto com o desenvolvimento hegemônico estabelecido socialmente (PETRI; FONSCECA, 2019).

Rédua, Honorato e Kato (2019) investigaram na proposta como futuros professores de Ciências da Educação do Campo se posicionam diante de situações controversas sobre aspectos dos saberes tradicionais e o conhecimento científico escolarizado. Desenvolveu-se uma oficina que tinha como temática “Entre garrafadas e fármacos: diálogos para professores de Ciências” e no trabalho em questão se discutiu a etapa intitulada de “Se é natural não faz mal?”. A discussão entre os futuros professores possibilitou diferentes percepções sobre o papel da medicina ocidental na sociedade e a relevância dos saberes tradicionais, que está destacado no seguinte trecho: “...ao mesmo tempo em que olham para o caso posto para a análise, que tende para autoridade médica, os sujeitos questionam e problematizam a personificação dessa autoridade por argumentos que remetem suas questões identitárias e realidade sociocultural.” (RÉDUA; HONORATO; KATO, 2019, p. 5).

Aproximar essas discussões na formação inicial de professores se torna muito relevante na construção de um ensino de ciências decolonial, pois demonstra a valorização de outros saberes não apenas centralizados na ciência moderna hegemônica. A escola do campo também como palco do processo de transformação social (MOLINA, 2012) reivindica professores que articulem o conhecimento a partir da lógica das relações que a comunidade está inserida

(MOLINA, 2014), e assim, promova o fortalecimento das identidades camponesas por legitimar seus saberes.

Schollert e colaboradores (2021) buscaram na proposta relatada discutir alguns dos resultados de uma sequência didática que tinha como objetivo auxiliar os docentes, no período pandêmico, com atividades investigativas remotas utilizando-se da temática “Ecossistemas Terrestres”. A proposta estava ancorada nos seguintes problemas: “Como funciona um Ecossistema Terrestre? E de que maneira se articula com o currículo das ciências e com as problemáticas da comunidade no bairro da zona rural em que moram os estudantes?”. A sequência didática discutida ocorreu totalmente de modo remoto, devido as condições sanitárias causadas pela pandemia do Covid-19, dessa maneira, os encontros com os estudantes ocorreram mediante a plataforma do Whatsapp e atividades impressas.

A proposta permitiu a discussão de conceitos como ecossistema, elementos vivos, fatores bióticos e abióticos. Percebe-se a partir do relato no texto que a proposta tinha interesse em discutir os conhecimentos científicos baseados na ciência moderna por intermédio do meio ambiente em que os estudantes vivem. Rodrigues e Lisingen (2019) enfatizam que em algumas propostas identifica-se que há a valorização da aprendizagem de conceitos científicos em função do interesse na construção de uma formação cidadã. A ciência é exposta de maneira neutra e são omitidas as discussões quanto ao contexto social e tecnológico em que os estudantes estão inseridos, favorecendo a manutenção das estruturas opressoras, e logo, dos efeitos da colonialidade na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou contribuir para o debate da percepção dos efeitos da colonialidade na educação, e para isso, investigou-se em que medida esses efeitos podem ser percebidos nas propostas didáticas de Ciências no contexto da Educação do Campo. Nesse sentido decidiu-se investigar as propostas inseridas Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências (ENPEC) com intenção de perceber como eram discutidos os temas abordados, a profundidade das problematizações e a valorização dos saberes tradicionais.

A maior parte das propostas selecionadas tinham como interesse a formação de professores de Ciências no curso de Licenciatura do Campo. Os pressupostos do curso contribuem para uma compreensão oposta a colonialidade, pois discutem uma matriz curricular que compreenda a materialização do território camponês a partir da construção do conhecimento dos seus sujeitos.



As temáticas empregadas nas propostas, em sua maioria, apresentavam discussões que estavam inseridas nas realidades dos estudantes, porém somente o contexto da discussão não garante um ensino decolonial e crítico. É preciso que sejam exploradas as contradições existentes, a fim de questionar e resistir aos modos de hierarquização e expropriação da vida impostas em diferentes perspectivas na sociedade. A valorização dos saberes tradicionais camponeses podem ser preteridos em relação a superioridade científica imposta pela ciência moderna hegemônica. Assim, percebe-se que as propostas utilizadas no ensino de ciências podem ser empregadas tanto como maneira de denúncia e silenciamento dos efeitos da colonialidade presentes no contexto do campo.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento a Universidade de Brasília (UnB) pelo auxílio financeiro concedido.

REFERÊNCIAS

CALDART, R. et al (orgs.) – Apresentação. In: **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012, p. 3-19.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo e agroecologia. In: **Dicionário de Agroecologia e Educação**. DIAS, Alexandre Pessoa et al (orgs.). Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2021, p. 355-361.

CREPALDE, R. S.; AGUIAR JR., O. G. Palavra própria e palavra alheia: análise de uma Questão Socialmente Controversa numa turma de Licenciatura do Campo. In: Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências (ENPEC), 08., 2011, Campinas. **Atas [...]**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011.

CREPALDE, R. S.; AGUIAR JR., O. G. O desenvolvimento do conceito energia em um diálogo intercultural entre as ciências e as vivências de estudantes de licenciatura do campo. In: Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências (ENPEC), 09., 2013, Água de Lindoia. **Atas [...]**. Águas de Lindoia: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

GUHUR, D. M. P.; TONÁ, N. Agroecologia. In: **Dicionário da Educação do Campo**. CALDART, Roseli Salete *et al* (orgs.). Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 59-66.

MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. Escola do Campo. In: **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012, p. 326-333.

MOLINA, M. C.; ROCHA, M. I. A. Educação do Campo: História; práticas e desafios no âmbito das políticas de formação de educadores: reflexões sobre o PRONERA e o PROCAMPO. In: **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.22, n.2, p.220-253, jul./dez.2014



OLIVEIRA, R. M. Descolonizar os livros didáticos: raça, gênero e colonialidade nos livros de educação do campo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, p. 11-33, 2017.

NOVAIS, E. S. P. *et al.* O processo de Redução Temática do Tema Gerador “Para onde vai o lixo do meio rural de Iguai/BA?”. In: Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências (ENPEC), 10., 2015, Águas de Lindoia. **Atas [...]**. Águas de Lindoia: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

PETRI, M.; FONSECA, A. B. Outros saberes na/da Educação do Campo no Brasil: reflexões para o ensino de ciências. In: MONTEIRO, B. A. P.; DUTRA, D. S. A.; CASSIANI, S.; SÁNCHEZ, C.; OLIVEIRA, R. D. V. L. (Orgs.). **Decolonialidades na Educação em Ciências**. São Paulo: Editora da Livraria da Física, 2019. p. 225-245.

RÉDUA, L. S.; HONORATO, G. B. S.; KATO, D. S. Entre garrafadas e fármacos: diálogos interculturais na formação de professores de ciências do Campo. In: Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências (ENPEC), 12., 2019, Natal. **Atas [...]**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

RODRIGUES, V. A. B.; LINSINGEN, I.; CASSIANI, S. Formação cidadã na Educação Científica e Tecnológica: olhares críticos e decoloniais para as abordagens CTS. **Revista Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados/MS, v. 9, n. 25, p. 71-91, jan./abr. 2019.

SCHOLLERT, M. M. *et al.* Ensino Remoto: uma proposta de sequência didática investigativa/ problematizadora dos egressos PIBID Educação do Campo Litoral/Rs no contexto pandêmico em uma escola pública. In: Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências (ENPEC), 13., 2021. **Atas [...]**, 2021.

SILVA, J. F. *et al.* Paradigmas da educação do campo: um olhar a partir dos estudos pós-coloniais latino-americanos. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.22, n.2, p.09-38, jul./dez.2014.

SILVA, D. K.; KATO, D. S. A controvérsia agroecológica em uma abordagem intercultural de Educação Científica: a biodiversidade nos discursos de licenciandos do campo. In: Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências (ENPEC), 11., 2017, Florianópolis. **Atas [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

SANTOS, C. M.; KATO, D. S.; FRANCO, R. A. G. Investigação temática em uma escola do campo do município de Uberaba-MG: identificando situação limite para o estudo da biodiversidade. In: Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências (ENPEC), 11., 2017, Florianópolis. **Atas [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

TAVARES, L. M.; VALADARES; J. M.; CREPALDE, R. S. Uma experiência de articulação entre conhecimentos de uma disciplina de biologia e outra de física do currículo de um curso de licenciatura para o campo com ênfase em ciências da vida e da natureza (CVN) de uma universidade federal brasileira. In: Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências (ENPEC), 08., 2011, Campinas. **Atas [...]**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011.